

No Funcionamento do Sistema Nervoso, o Símbolo inclui Matéria e Significado

Uma Contribuição da Psicologia Simbólica Junguiana à Epistemologia¹

Carlos Amadeu Botelho Byington²

A dissociação Sujeito-Objeto do Self Cultural do Ocidente

O progresso extraordinário das neurociências no final do século vinte tem sido freqüentemente desvirtuado pela dissociação sujeito-objeto que assola a Cultura Ocidental desde o século dezoito e que contaminou a epistemologia planetária durante o processo de globalização.

Tenho chamado a atenção repetidamente para a profunda ferida e fixação dissociativa crescente que se instalou no Self Cultural do Ocidente a partir da tomada do poder da ciência na universidade. A incompatibilidade da dimensão mítico-religiosa com a dimensão científica só existe do ponto de vista racional, egóico e aparente, mas inexistente do ponto de vista simbólico e arquetípico. Podemos até mesmo afirmar que a identidade e a integridade de uma cultura dependem da ligação da Consciência Coletiva do seu povo com as raízes míticas de sua história. Até a dissociação subjetivo-objetivo, a dimensão mítico-religiosa e a dimensão científica haviam sido perfeitamente compatíveis. Prova disto é que todos os grandes cientistas do século dezesseis e dezessete que foram os pilares das Ciências Modernas, como Copérnico, Galileu, Kepler, Descartes, Newton e Leibnitz foram, sem exceção, Cristãos e religiosos.

Como concebi na Teoria Arquetípica da História (Byington, 1983), o Mito Cristão e o Mito do Buda marcaram o início da implantação da dominância do padrão de alteridade na Consciência Coletiva, respectivamente na Cultura Ocidental e na Oriental. A implantação mítica da alteridade deu origem, séculos depois, ao Renascimento e às Ciências Modernas no Ocidente.

O enciclopedismo iluminista que inspirou a luta da ciência contra a repressão fanática da Inquisição foi o grande responsável pela exclusão da subjetividade e da dimensão mítica do método científico e pela eleição da racionalidade objetiva como a única fonte da verdade. Séculos de opressão sádica pelos inquisidores levaram a maioria dos cientistas do século

¹ Trabalho apresentado no Simpósio “Entre a Psique e a Matéria”, do Núcleo de Estudos Junguianos. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. PUC-SP, em 07.11.2003.

² Médico Psiquiatra e Psicoterapeuta. Membro fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica e Membro da Sociedade Internacional de Psicologia Analítica. Educador, historiador e criador da Psicologia Simbólica Junguiana.
e-mail: c.byington@uol.com.br site: www.carlosbyington.com.br

dezoito e dezenove a identificarem a subjetividade com o fanatismo e a intolerância e, por conseguinte, com uma fonte permanente de distorção do conhecimento.

Baseados nas funções e atitudes da Consciência, sistematizadas por Jung na sua tipologia, quais sejam, as funções do pensamento, sentimento, intuição e sensação e as atitudes de introversão e de extroversão, constatamos que o método científico que se instalou na universidade cultivou, junto com a objetividade, a extroversão, o pensamento e a sensação e, com a subjetividade, excluiu da academia a intuição, o sentimento e a introversão. Esta grave dissociação sujeito-objeto ampliou-se na medida em que a ciência, assim dissociada, foi permeando a visão de mundo de toda a cultura. Muitas análises das deformações da Cultura Ocidental privilegiam explicações como o mecanicismo Newtoniano e a abstração matemática das ciências, sem reconhecer a importância central da dissociação sujeito-objeto, oriunda do Iluminismo e ampliada progressivamente pela implantação da mentalidade científica.

A Dissociação Sujeito-Objeto e a perda da Totalidade

Além da rejeição da intuição, do sentimento e da introversão pelo método científico, o que a nova visão de mundo mais mutilou foi a vivência da totalidade sujeito-objeto, que as religiões, desde tempos imemoriais, cultivaram miticamente através da projeção nos deuses. É bem verdade que as ciências sempre buscaram leis universais, mas, sem a subjetividade, essa totalidade foi expressa por equações matemáticas desprovidas de humanidade.

Quando ampliamos o conceito de Self Individual, de Jung, concebendo o Self Cultural para englobar a totalidade das funções conscientes e inconscientes atuantes numa sociedade, e a ele aplicamos o conceito de fixação de Freud, podemos perceber a dissociação sujeito-objeto como uma gigantesca fixação, que formou defesas em todas as dimensões da cultura. Inúmeros têm sido os autores que perceberam as conseqüências destas disfunções em cada setor cultural. Apenas para ilustrar, lembremos a afirmação “Deus está morto”, de Nietzsche, na segunda metade do século dezenove e a obra de Jung (1933) “O homem moderno em busca de uma alma”, na metade do século vinte. O pior dessa patologia é que sua abrangência é de tal ordem que muitos a confundem com o normal, o certo e o saudável. Um simples fato como a separação curricular da universidade em carreiras centradas nas Ciências Exatas e outras nas Ciências Humanas bem expressa como essa dissociação é considerada normal e até pedagógica (Byington, 1996). A própria nomenclatura escolhida já é sintomática da dissociação, pois implica que as Ciências Exatas não são necessariamente humanas e que as Ciências Humanas não precisam incluir as

Ciências Exatas. Assim, não é de surpreender que um país da importância do Brasil, com tantos sociólogos e economistas titulados com o doutoramento, tenha precisado eleger um presidente que nunca frequentou a universidade, para considerar a fome de boa parte do seu povo como uma tragédia existencial.

A Dissociação Sujeito-Objeto e as Posições Arquetípicas da Consciência

A dissociação sujeito-objeto se complica quando a abordamos levando em conta as posições arquetípicas da Consciência, ou seja, os padrões de relacionamento, porque, nesse caso, precisamos diferenciar a posição polarizada correspondente ao Arquétipo Patriarcal, na qual os pólos das polaridades são vistos normalmente como opostos, da dissociação patológica das polaridades por fixações e defesas, nas quais seus pólos apresentam resistência compulsiva para se relacionarem. Uma coisa é um pai determinar o horário de chegada do seu filho adolescente e recusar-se a discutir com ele qualquer concessão (polarização da relação pai-filho), outra bem diferente é o pai e o filho não se comunicarem devido ao ressentimento (dissociação da relação pai-filho).

As Ciências resultam da Posição Dialética de Alteridade

As Ciências resultam e operam em função da posição dialética do relacionamento na Consciência correspondente ao Arquétipo da Alteridade, na qual as polaridades interagem democraticamente podendo expressar tudo o que são. Quando a Consciência assim não faz e recai no dogmatismo da posição polarizada patriarcal, a verdade tende a ser reduzida e engessada. Na alteridade, o Ego e o Outro ultrapassam a oposição radical das polaridades, característica da posição polarizada, para relacionarem-se na posição dialética, onde têm a possibilidade de expressar todas as suas propriedades, até mesmo aquelas que caracterizam tradicionalmente seus contrapólos. Na tradição histórica dos dez mil anos de dominância patriarcal, identifica-se, por exemplo, o homem com o pólo forte e deposita-se na mulher o “sexo frágil”. O Ego de um homem vivenciando a alteridade, por outro lado, pode expressar sua fraqueza ao lado de sua força e acolher a força de uma mulher ao lado de sua delicadeza. A característica dialética da alteridade a faz dualista porque reconhece e opera as polaridades, mas também monista porque reúne os pólos das polaridades em função de uma dimensão comum. O relacionamento na alteridade é, por conseguinte, expresso pela dualidade na unidade (Byington, 1965). Infelizmente, este fato tem sido pouco associado com o equacionamento de Jung da libido com a energia psíquica, que motivou sua ruptura com Freud. Para muitos, essa modificação proposta por Jung só é vista em relação com a

ampliação do conceito de libido além da sexualidade e não também no fato de a libido como energia psíquica tornar-se um denominador comum de todas as polaridades, inclusive afeto e agressividade ou Eros e Tanatos, dentro da unidade e da totalidade (Byington, 2002).

Freud adotou a Posição Polarizada para sua Formulação Final

Nesse sentido, é importante assinalar que os cientistas, além de terem sua perspectiva deformada com a dissociação sujeito-objeto, muitas vezes seguem a posição polarizada em suas pesquisas, o que distorce sua metodologia, que deve ser basicamente de alteridade para poderem estar abertos para todas as características da realidade que buscam conhecer. Freud, por exemplo, cuja obra, apesar da originalidade genial de suas descobertas, está formulada grandemente dentro da posição polarizada do Arquétipo Patriarcal, assume claramente a posição dualista, desde a oposição dos instintos do Ego aos instintos libidinais até sua formulação final da oposição entre os instintos de vida (Eros) e os instintos de morte (Tanatos). Sua incompreensão da importância dialética da alteridade chegou a tal ponto que ele se declarou abertamente dualista e atribuiu o monismo dialético, freqüentemente adotado por Jung, ao misticismo. “Nossas concepções foram desde o início dualistas e são hoje ainda mais definitivamente dualistas do que antes, agora que descrevemos a oposição como se dando, não entre instintos do Ego e instintos sexuais, mas entre instintos de vida e instintos de morte. A teoria da libido de Jung é, pelo contrário, monista; o fato de haver ele chamado sua única força instintiva de “libido”, destina-se a causar confusão, mas não precisa afetar-nos sob outros aspectos” (Freud, 1920 p.73).

Einstein Repudiou a Posição Polarizada para Qualquer Formulação Final

Diferentemente de Freud, Einstein repudiava a posição polarizada no espírito científico. Por isso, nunca aceitou uma diferença essencial entre a teoria da relatividade macrocósmica e a teoria atômica microcósmica e, apesar de não tê-lo conseguido, buscou a Teoria do Campo Unificado nos últimos vinte e cinco anos de sua vida. Einstein baseava-se na premissa que a dualidade estrutural é inaceitável para o espírito científico e, por isso, afirmou que “a idéia de que existem duas estruturas espaciais independentes, a métrica gravitacional e a eletromagnética, é intolerável para o espírito científico” (Einstein, in Barnett, 1949).

A Capacidade Prospectiva dos Símbolos descrita por Jung
Os Símbolos e Funções Estruturantes Criativas e Defensivas
O Processo de Elaboração Simbólica

A capacidade prospectiva dos símbolos, descrita por Jung, consiste na incorporação progressiva dos conteúdos dos símbolos na Consciência durante longo tempo depois da sua vivência inicial. A Psicologia Simbólica Junguiana generalizou esta característica, descrevendo a formação da identidade do Ego e do Não-Ego (o Outro) na Consciência a partir da vivência prospectiva de tudo na vida, aqui chamada processo de elaboração simbólica. Este processo torna todas as coisas e situações complexos ou símbolos estruturantes, e todas as funções que atuam nos símbolos, funções estruturantes da Consciência. A patologia psíquica causa invariavelmente uma fixação na elaboração simbólica, que transforma as funções estruturantes criativas em funções estruturantes defensivas. Desta maneira, esta conceituação considera a psicopatologia uma variante da psicologia normal.

O Paradigma Símbolo-Centrado e a Função Ética

Esta teoria descreve o processo de elaboração simbólica como o centro e a principal atividade psíquica, e assim formula o paradigma símbolo-centrado no lugar do paradigma Ego-centrado na teoria do conhecimento. Jung (1928) denominou esta posição da Consciência como personalidade intermediária entre o Ego e o Self (*mid-point personality*), e o Budismo referiu-se a ela como o “caminho do meio”. Estes dois conceitos incluem-se no paradigma símbolo-centrado devido à bipolaridade dos símbolos estruturantes, aqui considerados sempre pessoais e arquetípicos, e cuja elaboração forma todas as polaridades da Consciência, inclusive a polaridade Ego-Outro.

O paradigma símbolo-centrado, além de situar o Ego na posição secundária que deve ocupar para evitar sua perigosa tendência à unilateralidade e à onipotência, é também muito útil para ressaltar a importância da Ética como uma função central na formação da Consciência. É que, quando a elaboração simbólica é levada a cabo criativamente, forma-se e transforma-se progressivamente a identidade do Ego e do Outro caracterizando o caminho do Bem, enquanto que as disfunções da elaboração simbólica fixam o Ego e o Outro, mantendo-os sob o poder deformador das defesas, que caracterizam o caminho do Mal como a vida dominada pelo inconsciente reprimido, aqui concebido como a Sombra.

As Posições Passiva e Ativa na Elaboração Simbólica

Os complexos materno e paterno que dão início à formação do Ego, por exemplo, continuam prospectivamente sua função estruturante durante toda a vida. Esta longa convivência prospectiva com os símbolos e funções estruturantes permite à elaboração simbólica formar a identidade do Ego e do Outro na Consciência, com os dois pólos das polaridades dos símbolos. Para tal, precisamos reconhecer que o Ego tem um relacionamento inicialmente passivo com os símbolos e posteriormente ativo. Por isso, na vida adulta, quando nos tornamos pais, é que vamos realmente elaborar os complexos parentais na atitude ativa, cuja elaboração iniciamos na infância predominantemente na atitude passiva.

A Cicatrização da Dissociação Sujeito-Objeto

A falta de elaboração do pólo subjetivo, da intuição, do sentimento, da introversão e da totalidade durante a implantação da mentalidade científica nos últimos cinco séculos trouxe uma grande unilateralidade à Cultura Ocidental, que vem sendo criativamente corrigida pela atividade do Self Cultural em todas as dimensões existenciais, num verdadeiro processo de cicatrização.

No que concerne à Psicologia, esta atividade criativa deu grande ênfase à subjetividade nos séculos dezenove e vinte com os estudos da hipnose que levaram à descoberta dos processos inconscientes e muito contribuíram para um melhor conhecimento das funções da intuição, do sentimento e da introversão no desenvolvimento da personalidade e no funcionamento psicológico de um modo geral. Paralelamente, desenvolveu-se também a psicologia comportamental seguida pelo seu ramo cognitivo com um maior conhecimento das funções do pensamento e da sensação associadas à atitude de extroversão. Parte dessa criatividade dos séculos dezenove e vinte, que buscou cicatrizar a ferida dissociativa sujeito-objeto e resgatar a totalidade perdida na cisão ciência-religião, pode ser ilustrada pelas obras de Chardin, Hüsserl e Heidegger.

O padre jesuíta Pierre Teilhard de Chardin era paleontologista e desenvolveu uma teoria evolucionista da Consciência a partir da matéria. Segundo ele, a biologização planetária desenvolveu o sistema nervoso que se complexificou e formou a Consciência humana capaz de perceber Deus como a totalidade do mundo. Em função desta teoria evolutiva podemos perceber a relação dialética da alteridade no processo vital, no qual sujeito e objeto interagem dentro de uma dimensão energética comum que os permeia dentro da totalidade. Dentro da dimensão simbólica de alteridade, a conceituação científica

evolucionista de Chardin é oposta à posição creacionista, mas não a exclui, e sim a complementa dialeticamente. De fato, o dizer que Adão foi feito de barro, na posição mítica creacionista, visto simbolicamente significa que a humanidade originou-se da Mãe Terra, o que é perfeitamente compatível com a posição evolucionista.

Buscando ultrapassar esta mesma dissociação sujeito-objeto e incluir a interação criativa sujeito-objeto na observação dos fenômenos, Hüsserl iniciou uma fenomenologia que ultrapassou a unilateralidade objetiva da ciência e a incluiu no processo vital. Devido à contribuição para o resgate da integridade humana, sua filosofia foi compreendida como ontológica, i.é., existencial. Seu discípulo Heidegger continuou essa ontologia descrevendo toda e qualquer vivência como o *Dasein*, o Ser-aí, no qual o sujeito é inseparável do objeto porque o Ser que expressa a totalidade existe desde sempre no mundo (*Sein ist in-der-Welt sein*). Resgata-se assim a subjetividade junto com a objetividade dentro da totalidade do Ser que é o Universo humanizado.

A Ampliação do Conceito de Arquétipo e de Símbolo O Humanismo Simbólico

Seguindo esta criatividade dos séculos dezenove e vinte, a Psicologia Simbólica Junguiana ampliou o conceito de arquétipo para englobar também a Consciência, estendendo a ela a bipolaridade dos arquétipos e, assim, descreveu os cinco padrões arquetípicos da relação Ego-Outro na Consciência.

A seguir, esta Psicologia ampliou o conceito de símbolo para englobar também a dimensão objetiva. Desta maneira, a energia psíquica passa a incluir não somente a energia sexual, mas também toda a energia física. Assim sendo, o Humanismo pode resgatar sua vivência de totalidade ontológica dentro do método científico e, ao fazê-lo, transforma-se no Humanismo Simbólico.

É com este instrumental conceitual que podemos revisitar a polaridade cartesiana *res cogitans-res extensa*, mente-natureza, percebendo-a dentro do campo arquetípico da alteridade como uma relação dialética da dualidade dentro da unidade.

As Neurociências, a Dissociação Sujeito-Objeto e o Corpo Simbólico

Quando abordamos o desenvolvimento atual das neurociências em função da polaridade psique-matéria, corremos um imenso risco de afundar no abismo da dissociação sujeito-objeto para não mais sair. É que, a dissociação mente-corpo e a posição polarizada patriarcal engolfaram a Medicina junto com o desenvolvimento das Ciências Naturais e

separaram o corpo das emoções, o que torna muito difícil para médicos e psicólogos conceberem o corpo simbólico, que se expressa ao mesmo tempo pela transmissão eletroquímica e metafórica.

É impressionante a comemoração defensiva de alguns neurocientistas, maquiavelicamente trombeteada pela mídia, quando se descobre uma nova correspondência eletroquímica para qualquer emoção. Diagnostico esta comemoração como defensiva porque, além de ela festejar a ampliação do conhecimento humano, o que é maravilhoso e criativo, ela celebra também, arrogantemente, a dissociação sujeito-objeto, aumentando a intensidade das defesas a ela acopladas. Trata-se de uma defesa tipicamente maníaca, na qual o Ego da Sombra se orgulha onipotentemente do seu poder sobre o Self. É que, a fixação forma uma ilha narcísica que não mais ecoa o Todo para submeter-se a ele com humildade, mas, pelo contrário, para comandá-lo. É comum, nesse caso, vermos a vaidade criativa do cientista ser dominada defensivamente pela arrogância, que inclui sadicamente a alegria pelo desterro da subjetividade junto com os significados emocionais. Quando isso acontece, festeja-se maniacamente o triunfo do materialismo unilateral, este mesmo neoliberalismo que está destruindo ecologicamente o Planeta, nas comemorações dos seus grandes triunfos tecnológicos e altamente lucrativos. Acompanhando esse sensacionalismo defensivo não elaborado, as manchetes sobre as novas descobertas das neurociências costumam ser “finalmente descoberta a causa da infelicidade, da tristeza, da irritação, da distração e do amor, etc...”, seguida da descrição da descoberta de alguma nova função eletroquímica do sistema nervoso.

É importante assinalar que as novas descobertas das neurociências não só estão sujeitas às deformações culturais pelas defesas centradas no pólo objetivo da dissociação sujeito-objeto, mas também no pólo subjetivo psicodinâmico. De fato, muitos estudiosos das emoções e dos significados dentro de correntes alternativas e esotéricas estão começando a afirmar suas intuições ainda não comprovadas, baseadas em genes de cromossomos tais e quais, cujos comportamentos em ratos tiveram alguma semelhança longínqua com suas intuições. Trata-se de uma nova onda de exageros esotéricos, semelhantes aos que arrogaram-se fantasiosamente para si as bênçãos da ciência objetiva, como a que tivemos com o Espiritismo em meio ao progresso científico do século dezenove, e com a Antroposofia em função da Teoria Quântica. A onda esotérica atual baseia-se nas novas descobertas genéticas e neurofisiológicas.

A saída da Dissociação Sujeito-Objeto pelo Paradigma Símbolo-Centrado

A Medicina Simbólica

A maneira de evitarmos essas defesas, tanto as de cunho objetivo (exotérico) quanto as de caráter subjetivo (esotérico), é pela consideração das novas descobertas dentro da dimensão simbólica, ao praticar uma Medicina Simbólica, ou seja, ao elaborar o conhecimento dentro da Ciência Simbólica e do Humanismo Simbólico, pois aí formamos e exercemos criativamente a identidade do Ego e do Outro na Consciência a partir de uma epistemologia símbolo-centrada, que evita cairmos nas defesas, tanto na unilateralidade objetiva quanto subjetiva.

Quando norteamos qualquer pesquisa científica pelo paradigma da epistemologia símbolo-centrada (Byington, 1975), nos damos conta que a Medicina Simbólica é a representação da vida como ela de fato é, quando seu campo de estudo não é deformado metodologicamente por uma perspectiva Ego-centrada defensiva. Na realidade, não existe transmissão eletroquímica sem significados simbólicos nem qualquer sintoma psiquiátrico isento de um contexto sistêmico subjetivo, objetivo, individual, familiar, cultural, genético e evolutivo, nem qualquer acontecimento fisiológico no corpo fora do contexto humanista que ele afeta e é de volta afetado. Foi isto o que von Bertalanffy (1968) descreveu como o sistema de múltiplo retorno da matéria viva. A visão sistêmica dos eventos existenciais torna-os simbolicamente subjetivos e objetivos e relaciona-os com o Todo no sentido da parte para o todo e do todo para a parte. Quando inserimos esses fatos na descrição do Self de Jung, aqui considerado o Arquétipo Central do Ser (o *Sein*, de Heidegger, ou o Deus evolutivo, de Chardin), percebemos que o conhecimento símbolo-centrado forma e transforma permanentemente a Consciência e a Sombra sempre com as partes e suas polaridades inter-relacionadas entre si e com o Todo.

Apesar de ser-nos difícil ainda lidar com um psicofármaco e um significado dentro da mesma elaboração simbólica na posição dialética de alteridade, esta prática leva-nos a perceber cada vez mais e melhor que a matéria e o significado, a eletroquímica, os pensamentos e as emoções, reúnem-se impreterivelmente nos símbolos durante o funcionamento neurológico. Trata-se de um desafio igualmente para as Neurociências e para a Psicologia perceber que é uma grave dissociação tentar lidar com o fenômeno humano unilateralmente em função da química ou do significado. É difícil, mas imprescindível, aprendermos que quando lidamos com o psicofármaco ou com o significado estamos entrando pelos pólos da vida que se encontram no âmago do *Dasein*, do símbolo estruturante, que é a essência da alma encarnada.

Referências Bibliográficas

BARNETT, Lincoln (1948). *The Universe and Dr. Einstein*. New York: Mentor Books, 1962, p. 110.

BERTALANFFY, Ludwig von (1968). *General Systems Theory*. New York: Braziller, 1968.

BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho (1965). *Autenticidade como Dualidade na Unidade*. Tese de pós-graduação no Instituto C.G. Jung. Zurique, 1965.

_____ (1983). Teoria Arquetípica da História. O Mito Cristão como o Principal Símbolo Estruturante do Padrão de Alteridade na Cultura Ocidental. *Junguiana. Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica*. Petrópolis, 1983, vol 1, pp. 120-177.

_____ (1996). A Pesquisa Científica Acadêmica na Perspectiva da Pedagogia Simbólica in Fazenda, Ivani (org.), *A Pesquisa em Educação e as Transformações do Conhecimento*. São Paulo: Papyrus Ed., 1995.

_____ (2004). A Construção Amorosa do Saber. O fundamento e a finalidade da Pedagogia Simbólica Junguiana. São Paulo: Ed. W11, 2004.

_____ (2002). *O Arquétipo da Vida e da Morte – Um Estudo da Psicologia Simbólica*. São Paulo: Ed. Particular, 2002.

FREUD, Sigmund (1920). *Além do Princípio do Prazer*. Obras Completas vol. 18. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1976, p. 73.

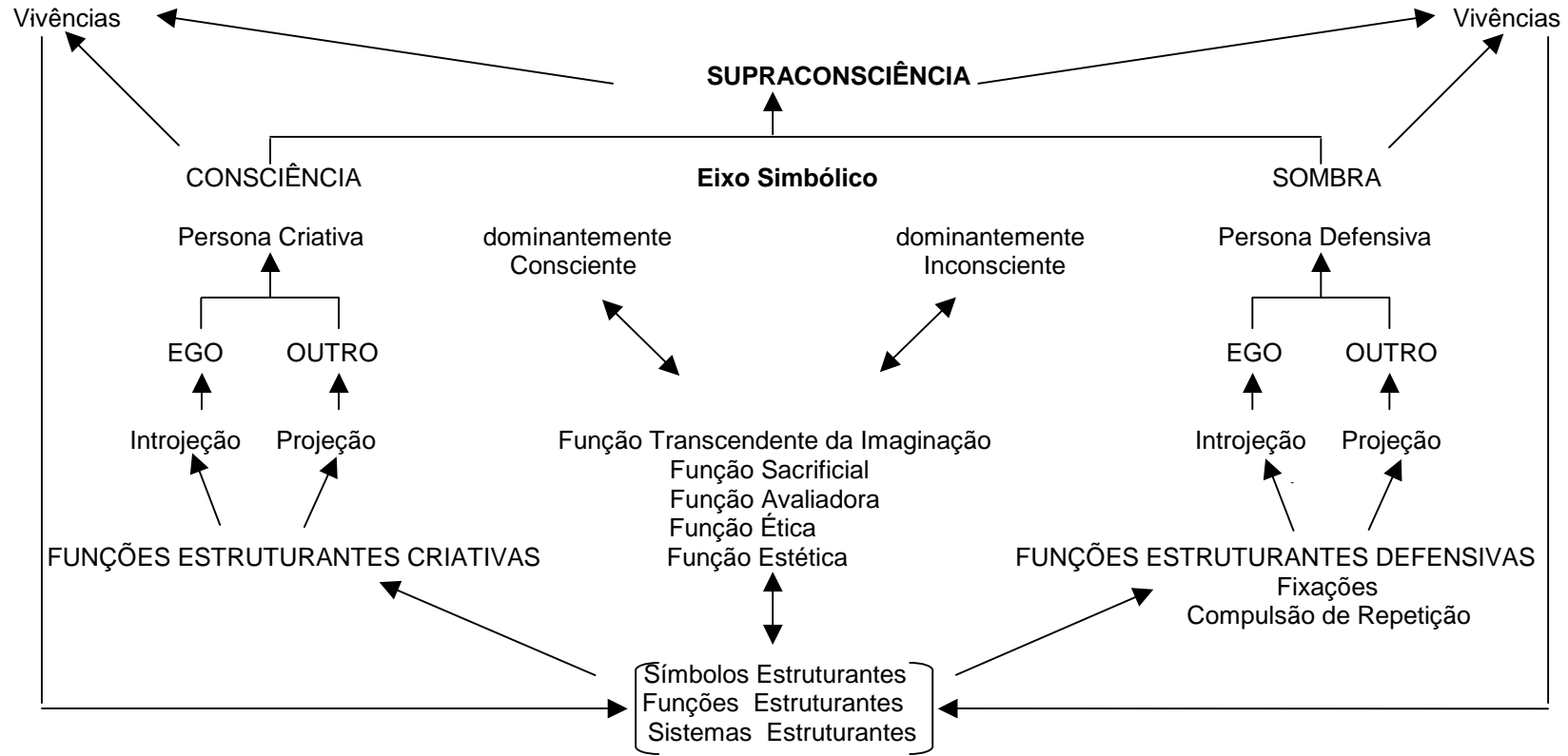
JUNG, Carl Gustav (1933). *Modern man in search of a soul*. New York: Harcourt Brace, 1933.

_____ (1928). *O Eu e o Inconsciente*. Obras Completas vol. 7. Petrópolis: Ed. Vozes, 1978.

Psicologia Simbólica Junguiana

ESTRUTURA E DINÂMICA DO SELF

Processo de Elaboração Simbólica



POSIÇÕES ARQUETÍPICAS EGO-OUTRO

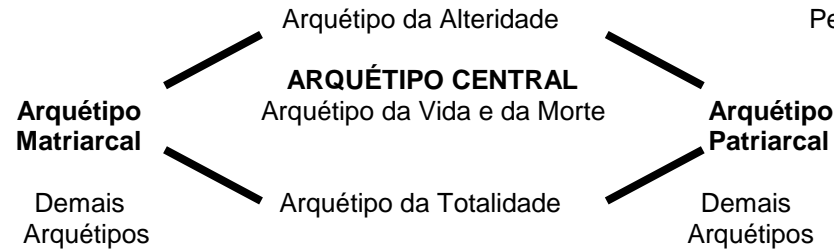
Indiferenciada
Insular
Polarizada
Dialética
Contemplativa

ATITUDES EGO-OUTRO

Passiva
Ativa

Arquétipo do Herói
Arquétipo do *Coniunctio*

Quatérnio Arquétípico Regente



DIMENSÕES SIMBÓLICAS

Corpo-Natureza-Sociedade
Idéia-Imagem-Emoção-Palavra-Número-Comportamento
Som-Gosto-Tato-Odor

FUNÇÕES DA CONSCIÊNCIA
Pensamento-Sentimento-Intuição-Sensação

ATITUDES
Extroversão
Introversão